

UM OLHAR PARA A AVALIAÇÃO DAS/PARA AS APRENDIZAGENS NOS ANOS INICIAIS DO COLÉGIO PEDRO II: DESAFIOS DECOLONIAIS.¹

Amanda Taranto - UNIRIO

Orientadora do Trabalho: Cláudia Fernandes - UNIRIO

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a trajetória dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no Colégio Pedro II, desde sua criação em 1984, quanto aos aspectos relacionados à avaliação das aprendizagens e seus desdobramentos na contemporaneidade, verificando quais aspectos reforçam (ou não) uma postura arraigada a uma visão eurocêntrica; e quais transformações podem ser interpretadas como parte de um movimento interno a fim de romper com tais posicionamentos. A partir dessas análises, levantar questionamentos quanto à possibilidade de se pensar em uma avaliação das/para as aprendizagens numa perspectiva decolonial, trazendo para o debate as contribuições da prática docente na instituição nos últimos anos. O trabalho de pesquisa estará voltado inicialmente ao diálogo constante entre a Epistemologia de Fronteiras (Walter Mignolo) e o pensamento Decolonial (a partir do conceito de Colonialidade de Aníbal Quijano), num entrecruzar com a ideia de educação na perspectiva de Paulo Freire e de avaliação das/paras as aprendizagens a partir dos estudos das professoras universitárias Fernandes (2015; 2020), Esteban e Fetzner (2015).

Palavras-chave: Avaliação Decolonial da Aprendizagem, Educação Antirracista, Colégio Pedro II.

INTRODUÇÃO

Com a sanção da lei 12 677/12, o Colégio Pedro II foi equiparado aos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e conta com 14 campus (12 no município do Rio de Janeiro; 01 em Niterói; e 01 em Duque de Caxias), mantendo, no entanto, sua característica de instituição especializada na oferta de Educação Básica. Atualmente, oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio Regular e Integrado, Educação de Jovens e Adultos (Proeja), além de cursos de graduação e pós-graduação.

Na década de 1980, ocorreu a criação das unidades direcionadas aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, situadas nos bairros de São Cristóvão (1984); Humaitá (1985); Engenho Novo (1986); Tijuca (1987); e Realengo (2010), totalizando até o momento 5 unidades destinadas a esse segmento.

Acredita-se que o cenário escolhido para observação (uma escola pública federal criada ainda no tempo do Brasil Império, o Colégio Pedro II), auxiliará a compreender a dificuldade ainda hoje de se romper com práticas coloniais na educação, tendo como foco central a avalia-

¹Este trabalho refere-se à pesquisa de doutorado da aluna Amanda Taranto no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc (UNIRIO).

ção das aprendizagens. A hipótese inicial é que o segmento a ser estudado sofreu forte influência dos costumes e valores eurocêntricos, desde a sua formação, impactando diretamente em suas ações no âmbito escolar. Pensa-se, no entanto, na força de um coletivo docente que, ao longo de quatro décadas, tenta romper com o discurso colonial, gerando impactos positivos na prática pedagógica.

METODOLOGIA

Esta pesquisa partiu inicialmente de revisão bibliográfica, realizada no decorrer do ano de 2023 e primeiro semestre de 2024, a partir da utilização das seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); e no Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Como o trabalho está em andamento, as próximas etapas dizem respeito à revisão e análise dos documentos referentes à instituição estudada no que tange à criação dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; revisão de documentos internos pertinentes à prática avaliativa neste segmento, em um diálogo com normas, diretrizes e documentos nacionais; e entrevistas com profissionais da instituição (docentes e demais servidores que fizeram/fazem parte desde a implementação, passando pelas participações nas construções dos Projetos Político Pedagógicos, portarias etc.).

REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de auxiliar, portanto, a investigação, está sendo utilizada como base teórica os estudos relacionados à colonialidade/decolonialidade a partir das investigações de Aníbal Quijano e Walter Dignolo, dialogando com novas possibilidades de se pensar a ideia de escola, em um diálogo com a necessidade de uma educação libertadora e crítica, segundo Paulo Freire, e das avaliações das/para as aprendizagens a partir do trabalho acadêmico desenvolvido no Brasil por Claudia Fernandes, Andrea Fetzner e Teresa Esteban.

O conceito de colonialidade, introduzido por Anibal Quijano (sociólogo peruano), no final da década de 1980 e início da de 1990, parte da difusão do modelo europeu (seus aspectos culturais, sociais e econômicos) para outros continentes, principalmente entre os séculos XVI e XIX. No entanto, esta difusão não se deu de forma natural, mas imposta e com a simples justificativa de conseguir tornar os indivíduos civilizados e, conseqüentemente, modernos, resultando em inúmeros desdobramentos até os dias atuais.

O termo colonialidade é, portanto, uma crítica deste sociólogo. Para Quijano, o colonialismo não se resumia apenas a questões históricas e políticas, mas também a questões epistemológicas e ontológicas, moldando inclusive nossa compreensão da história e de nossa identidade. Assim, a colonialidade é a existência permanente e vívida das relações de poder coloniais, apesar da independência das colônias, como foi o caso do Brasil.

Walter D. Mignolo, pensador argentino, tem sido também um pesquisador importante no que diz respeito ao pensamento decolonial, propondo que o pensamento decolonial seja uma abordagem crítica às formas de conhecimento que foram impostas pelo colonialismo e, conseqüentemente, trazendo a necessidade em construir alternativas epistêmicas e políticas que promovam a autonomia dos povos colonizados.

Há a urgência em analisar os aspectos presentes na produção do conhecimento produzido por aqueles países que foram e ainda são marginalizados, inferiorizados e emudecidos. Assim, é crucial pensar a colonialidade/decolonialidade a partir das investigações de Quijano e Mignolo, bem como das experiências encontradas no chão das escolas. E, para isso, o cenário para o qual a pesquisa se debruça (Anos Iniciais do Colégio Pedro II) possibilitará (re)pensar o ambiente escolar, as relações ali construídas e a sua função social, num diálogo constante com a perspectiva decolonial.

A Epistemologia de Fronteira, proposta pelo teórico Walter D. Mignolo, apresenta questionamentos quanto às hierarquias impostas pelo colonialismo, examinando como o conhecimento é produzido e está relacionado ao poder. Com isso, essa abordagem teórica traz para o debate a necessidade da decolonização do conhecimento, ou seja, o reconhecimento entre as múltiplas maneiras de entender o mundo a partir de grupos historicamente marginalizados. Ao reconhecer, portanto, a existência de uma diversidade epistêmica, Mignolo contribui para a possibilidade de construção de novos diálogos e formas de ser e estar no mundo.

O que seria, portanto, uma avaliação decolonial da aprendizagem? Talvez uma avaliação que desafiasse as estruturas de poder existentes nos processos avaliativos e, principalmente, no pensamento de todos os envolvidos. Antes de mais nada isso implicaria questionar as formas tradicionais de avaliação baseadas em padrões pré-definidos a partir de uma perspectiva eurocêntrica, bem como os espaços delimitados no ambiente escolar e a fragmentação dos saberes. Pensar a partir de uma perspectiva decolonial seria romper com o que está posto; vislumbrar novas formas de fazer; construir relações baseadas no companheirismo, no respeito

e empatia; compreender a unicidade presente no mundo (seres e natureza); dialogar com diferentes conhecimentos. Sabemos, pois, que a avaliação não é algo neutro. Logo, os instrumentos avaliativos e as formas como são empregados podem reforçar ainda mais as relações de poder existentes em nossa sociedade. Como pensar, portanto, em uma avaliação da/para as aprendizagens de modo a promover justiça epistêmica? Quais as mudanças ocorridas no cenário pesquisado no que diz respeito a essa temática?

O desafio, como Fernandes aponta, é conseguir “transformar a avaliação em um projeto de aprendizagem.” (2020, p. 152). Assim, transformar a avaliação escolar em um projeto de aprendizagem traz a necessidade em uma mudança de paradigma. Não somente em uma mudança em como a avaliação é concebida. Isto seria apenas uma consequência da real urgência na qual nos deparamos. Há, pois, a premência em possibilitar novas formas de saber, desprendendo-se de uma visão eurocentrada. Urge o encontro e diálogo de outros modos de ser/estar no mundo, abrindo espaço para a discussão em se ultrapassar a hegemonia que perpetua inclusive na forma de se fazer escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da pesquisa realizada nas bases de dados, inicialmente usou-se os operadores booleanos “and” e “or”² (sem o uso de filtro). No primeiro caso não foi encontrado nenhum trabalho e com o uso do operador “or” apenas 01 constou na base BDTD, não se relacionando, no entanto, à temática dessa pesquisa. Para estas duas buscas utilizou-se as seguintes expressões: “Avaliação Decolonial da Aprendizagem” AND/OR “Anos Iniciais do Ensino Fundamental” AND/OR “Colégio Pedro II.

Uma busca rápida utilizando como palavra-chave “Avaliação da Aprendizagem”, sem a utilização de filtro, apresentou 9.914 trabalhos na base BDTD; 8.224 no Capes; e 1.930 artigos no Scielo. O intuito, no entanto, não estava em pesquisar a respeito de trabalhos direcionados à Avaliação da Aprendizagem, mas a uma outra visão quanto a esta área levando em consideração novas formas de perceber tal temática sob a ótica da decolonialidade. Assim sendo, na sequência, utilizou-se somente a expressão “Avaliação Decolonial da Aprendizagem”, novamente sem selecionar nenhum filtro nos sites pesquisados, e foram encontrados somente 14 trabalhos: 11 na base BDTD e 03 no Scielo. Em seguida, com a expressão “Avaliação Deco-

² Operador booleano “and” (e): faz busca por textos de maneira conjunta, delimitando a pesquisa. Operador “or” (ou): buscará textos em que um ou mais temas sejam abordados, permitindo uma quantidade maior de trabalhos.

lonial”, sem a utilização de filtro, apareceram 64 trabalhos: 51 na base BDTD; 05 na CAPES; e 08 no Scielo. Após verificar quais produções se repetiam, chegou-se a um total de 59 trabalhos: 08 artigos; 30 dissertações; e 21 teses. Destes, foram selecionados para leitura, tendo como foco a avaliação das aprendizagens numa perspectiva decolonial, 02 artigos, 05 dissertações e 02 teses. Realizada esta primeira etapa, foi possível perceber que de todos os trabalhos que aparecem, nenhum utiliza como palavra-chave “Avaliação Decolonial da Aprendizagem” ou “Avaliação Decolonial”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do material encontrado nas bases de dados verificou-se pouca relação com a temática desta pesquisa. Além disso, constatou-se poucos trabalhos relacionados à área de Avaliação das Aprendizagens numa perspectiva decolonial, demonstrando a necessidade de incentivo nesta área do conhecimento.

Os próximos caminhos desta pesquisa estarão voltados para a análise de documentos internos da instituição ora pesquisada, no que diz respeito à visão de avaliação das aprendizagens para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de modo a verificar as transformações e suas relações com a decolonialidade.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, Maria Teresa; FETZNER, Andréa Rosana. A redução da escola: a avaliação externa e o aprisionamento curricular. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 1/2015, p. 75-92.

FERNANDES, Claudia de Oliveira. Avaliação, currículo e suas implicações: projetos de sociedade em disputa. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v.9, n. 17, p. 397-408, jul./dez., 2015.

_____. O desafio é transformar a avaliação em um projeto de aprendizagem. In: CRUZ, G. B.; FONTOURA, H. A.; MESQUITA, S. e FERNANDES, C. (orgs). **Didática(s) entre Diálogos, insurgências e políticas**. - 1. ed. - Rio de Janeiro/Petrópolis: Endipe, 2020, p. 145-154.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. O desafio é transformar a avaliação em um projeto de aprendizagem. In: **XX Endipe/Rio 2020 – Fazeres-Saberes Pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas**.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, jun, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Colección Sur Zur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005, p. 117- 142.